

## CAPÍTULO I

### [ENSINAR E REMEMORAR]



AGOSTINHO – Que te parece que queremos levar a efeito, quando falamos?

ADEODATO – Quanto precisamente me ocorre agora, ou ensinar ou aprender.

AGOSTINHO – Vejo e concordo com uma das partes, pois é evidente que quando falamos queremos ensinar. Mas aprender, como?

ADEODATO – Como te parece enfim que é, senão interrogando?

AGOSTINHO – Pois eu entendo que mesmo neste caso não pretendemos outra coisa que não seja ensinar. Com efeito, pergunto-te se interrogas por outro motivo, senão o de dar a conhecer o que queres àquele a quem interrogas?

ADEODATO – Dizes a verdade.

AGOSTINHO – Já vês então que nada mais pretendemos com a locução, além de ensinar.

ADEODATO – Não o vejo com toda a clareza, porque se falar não é mais que proferir palavras, parece-me que o mesmo fazemos quando cantamos. Ora, como isto o fazemos muitas vezes sozinhos, não havendo ninguém presente para aprender, não penso que queiramos ensinar qualquer coisa.

AGOSTINHO – Eu porém julgo que há um gênero de ensino por meio da rememoração, e certamente importante; isto no-lo indicará o assunto mesmo da nossa conversa. Mas se és de parecer que não aprendemos quando recordamos, e que não ensina aquele que rememora, não te contrario.

Entretanto, estabeleço desde já dois motivos por que falamos: ou ensinar ou rememorar, quer aos outros quer a nós mesmos. Isto fazemos também quando cantamos. Não te parece?

ADEODATO – Não; de modo nenhum. Com efeito, eu não canto, a não ser muitíssimo raramente, para me lembrar, mas sim apenas para me deleitar.

AGOSTINHO – Percebo o que pensas. Entretanto, não notas que aquilo que deleita no canto é certa modulação do som? Ora, como esta se pode unir ou separar das palavras, uma coisa é falar, outra é cantar. De fato, entoam-se cantos por meio das flautas e da cítara; as aves também cantam, e até nós, às vezes, sem palavras entoamos algum trecho musical; esta toada pode dizer-se canto, mas não locução. Tens alguma coisa a objetar?

ADEODATO – Nada, evidentemente.

AGOSTINHO – Parece-te então que a locução não foi instituída senão com a finalidade ou de ensinar ou de lembrar?

ADEODATO – Pareceria, se não me fizesse hesitar o fato de realmente falarmos quando rezamos. Apesar disso, não é permitido supor que tenhamos algo a ensinar ou a lembrar a Deus.

AGOSTINHO – Pelo que me parece, ignoras que por nenhum outro motivo nos foi ordenado que rezássemos em quartos fechados (*Mateus 6,6*) — nome que significa o santuário da mente — senão o de que Deus, para nos conceder o que desejamos, não pretende ser lembrado ou ensinado pela nossa locução. Efetivamente,

quem fala mostra exteriormente o sinal da sua vontade, por meio dum som articulado. Deus porém deve-se procurar e suplicar no próprio íntimo da alma racional, o qual se denomina "o homem interior". Quis Ele que fossem esses os seus templos. Não leste no Apóstolo: "Não sabeis que sois templo de Deus e que o espírito de Deus habita em vós?" (1 Coríntios, 3,16) e que "Cristo habita no homem interior"? (Efésios, 3,16). Nem advertiste o que disse o profeta: "falai nos vossos aposentos; ofereci sacrifícios de justiça, e esperai no Senhor"? (Salmo 4, 5-6). Onde pensas que é oferecido o sacrifício de justiça, senão no templo da mente e nos aposentos do coração? Ora, onde se deve sacrificar, aí se deve também orar. Por isso quando oramos, não é precisa a locução, isto é, como fazem os sacerdotes a fim de exprimirem o seu pensamento, não para que os ouça Deus mas os homens, e assim estes, graças à rememoração, se elevem para Deus em certa conformidade de sentimentos. Pensas de outro modo?

ADEODATO – Estou plenamente de acordo.

AGOSTINHO – E não te embaraça que o Mestre supremo, quando ensinava os discípulos a rezar, ensinou determinadas palavras? Com isto, parece nada mais ter feito que ensinar como se deve falar na oração.

ADEODATO – Isso não me causa dificuldade absolutamente nenhuma. Não foram palavras que Ele lhes ensinou, mas por meio de palavras, realidades

expressas, pelas quais eles mesmos recordassem a quem e o que deveriam pedir, ao rezarem no íntimo da consciência, como se disse.

AGOSTINHO – Pensas bem. Ao mesmo tempo, creio teres caído na conta de que, embora alguém pretenda que ao pensarmos as palavras, falamos interiormente na nossa alma, apesar de não emitirmos som algum, — ainda neste caso não fazemos mais que rememorar, pois a memória, a que estão inerentes as palavras, revolvendo-as faz vir ao espírito as próprias coisas, de que as palavras são sinais.

ADEODATO – Compreendo e vou acompanhando.